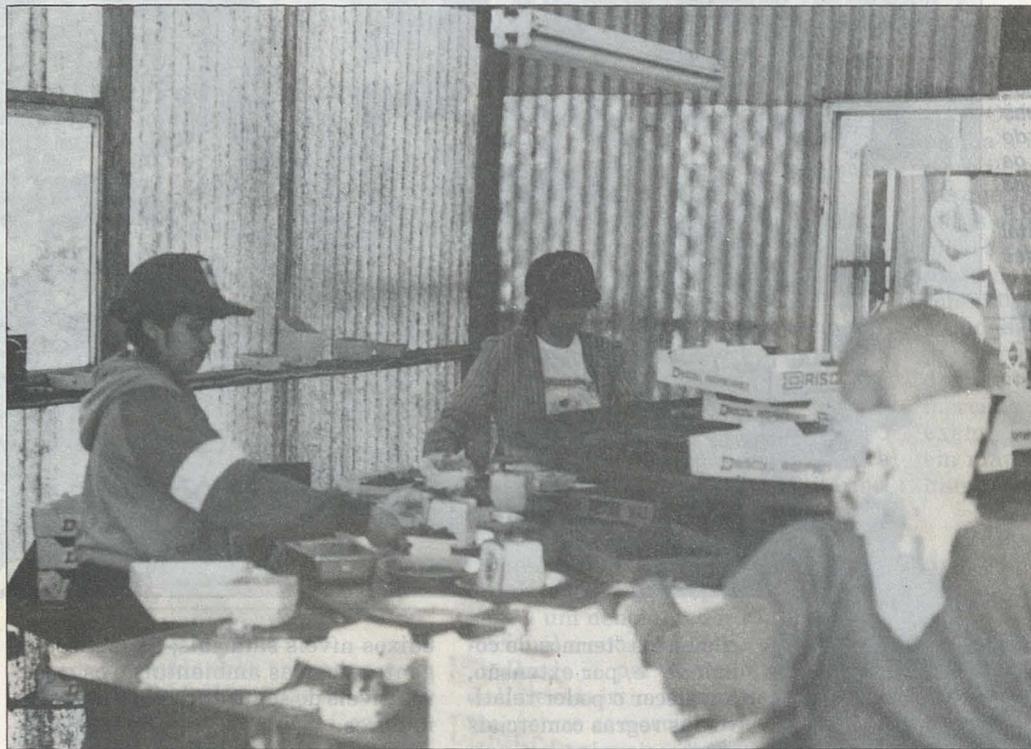


Racismo ambiental



Porto Rico: um dos lugares mais poluídos do mundo

Obrigados a viver em áreas insalubres ou próximas a fábricas poluentes, os negros e os latinos sofrem muito mais que os brancos as conseqüências do descaso com o meio ambiente

Manning Marable*

Além de lidar incômodas estatísticas – entre elas, as de mortes violentas de jovens, desemprego, mães solteiras adolescentes –, os negros e os latinos dos Estados Unidos também se tornaram as vítimas preferenciais do racismo ambiental, já que não têm nenhum controle sobre a utilização das terras, a localização das fábricas ou o transporte de produtos químicos perigosos através de seus bairros.

A situação do meio ambiente está ligada à existência de justiça social e à possibilidade de que todos os membros da sociedade participem da tomada de decisões.

Embora a médio ou longo prazo os danos ao meio ambiente terminem se refletindo sobre toda a população, sem dúvida as classes menos favorecidas sentem estes efeitos mais imediata e diretamente, refletindo a desigualdade que separa as pessoas negras e latinas, os trabalhadores e os pobres daquelas que têm poder, recursos e privilégios.

As indústrias norte-americanas são

responsáveis pela emissão na atmosfera de 2,4 bilhões de libras de substâncias químicas tóxicas a cada ano. E freqüentemente os principais afetados por essa poluição são os afro-norte-americanos, os latinos – isto é, os norte-americanos originários do México, Porto Rico e outros países latino-americanos – e os pobres em geral.

Em Houston, até fins da década de 70, todos os lixões e seis dos oito incineradores de rejeitos da cidade estavam localizados nas zonas habitadas pela comunidade negra.

As conseqüências do racismo ambiental se manifestam ainda mais claramente nas estatísticas de saúde pública. Nas comunidades rurais de *chicanos* (norte-americanos de origem mexicana), onde se utilizam enormes quantidades de pesticidas, os índices de câncer infantil são muito mais altos que os da média nacional.

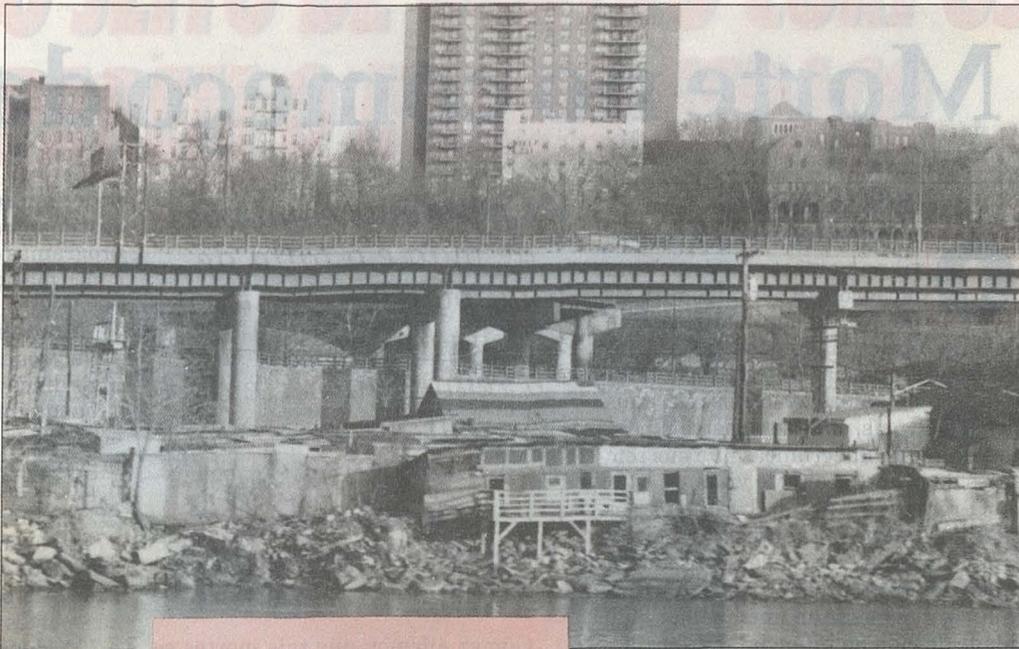
Por outro lado, devido à poluição atmosférica urbana, os rapazes afro-norte-americanos morrem por causa da asma em uma proporção três vezes superior à dos jovens brancos.

Charles Lee, o principal autor do estudo “Resíduos tóxicos e raça”, publicado em 1987, revelou, entre outros, dados estatísticos impressionantes:

* a zona sul de Chicago, predominantemente habitada por afro-norte-americanos e latinos, tem a maior concentração de locais com rejeitos perigosos de toda a nação;

* crianças afro-norte-americanas de um bairro da zona ocidental de Dallas sofreram danos cerebrais irreversíveis devido à absorção excessiva de chumbo derretido contido no ar e procedente de emanções industriais;

* Porto Rico é um dos lugares mais poluídos do mundo, já que durante décadas seu meio ambiente foi envenenado com grandes quantidades de detritos das companhias farmacêuticas, refinarias de petróleo e usinas petroquímicas.



Visão elitista do meio ambiente - Os brancos de classe alta se preocupam com o destino das corujas ameaçadas de extinção no noroeste do Pacífico, mas, em compensação, demonstram pouco conhecimento ou interesse pela cruel realidade de pobreza, doenças e morte por causas violentas, característica dos guetos negros, bairros latinos e reservas indígenas.

Na década de 60, eram brancos de classe média ou alta que em geral manifestavam preocupação sobre a qualidade da vida, do ar e do meio ambiente em geral. Em compensação, para os afro-norte-americanos, a questão ambiental aparecia, frequentemente, como um problema irrelevante diante das enormes dificuldades que enfrentavam no seu dia-a-dia.

De lá para cá, a preservação do meio ambiente se tornou uma bandeira de grandes setores da população norte-americana, levando a muitas conquistas nessa área, desde mudanças no comportamento cotidiano (exemplo: a exigência de sacolas de papel biodegradável para compras nos supermercados) até a imposição de uma legislação mais rigorosa para melhorar a qualidade do ar, da água e do ambiente em geral.

Negros descobrem questão ecológica - A consciência da importância do tema ambiental levou os guetos negros e bairros latinos a darem os primeiros passos no sentido de incorporar à sua luta por justiça social as reivindicações de caráter ambiental, em geral só defendidas pelos assumidamente "elitistas" dos elegantes bairros brancos. Mas as probabilidades de um diálogo político desse tipo - para não falar de uma coalizão - pareciam, até há alguns anos atrás, ser pouco promissoras.

Inclusive depois do acidente da central atômica de Three Miles Island, em 1979, quando a costa leste dos Estados Unidos esteve a ponto de sofrer o impacto de uma fusão nuclear, e da tragédia de Chernobyl, na qual milhões de pessoas correram o risco de serem mortas e milhares sofreram danos físicos

As classes altas muitas vezes estão mais preocupadas com a defesa de animais ameaçados de extinção do que com as miseráveis condições de vida de grande parte da população

irreparáveis, parecia que o problema ambiental continuaria sendo "assunto de brancos".

Foi então que surgiram dois líderes negros, responsáveis em grande parte pelo fato de que a questão ambiental se transformasse em um contexto dinâmico no qual as pessoas negras se viam incluídas e comprometidas: o reverendo Jesse Jackson, líder da Coalizão Arco-Íris, e o reverendo Benjamin Chaves, diretor da Comissão para Justiça Racial da Igreja Unida de Cristo.

Em sua primeira campanha presidencial de 1984, Jackson se referiu diversas vezes às questões ambientais, como o problema dos dejetos tóxicos lançados nos bairros pobres e as con-

xões entre miséria, violência institucional e as condições gerais de vida dos grupos minoritários.

Novo movimento pró-direitos civis - Passados mais de dez anos, é preciso retomar esse caminho, para que as minorias adquiram plena consciência de que são objeto de um racismo ambiental. Também será preciso redefinir o "ambientalismo" para incluir nele temas como a posse da terra, a localização das moradias e a utilização dos recursos naturais, especialmente nas áreas urbanas.

É necessário cobrar dos governantes ou parlamentares que se informem melhor sobre os vínculos entre os problemas ambientais e as condições de saúde e segurança das comunidades negras, latinas ou indígenas.

Mas também é fundamental educar os jovens para que percebam a importância de impulsionar um novo movimento pró-direitos civis que denuncie o processamento de produtos químicos e dejetos perigosos nos bairros negros e latinos.

Esse movimento só terá êxito se em torno dele se unirem não só aqueles que são vítimas diretas dessas políticas, como também todos os que percebem como a contaminação ambiental põe em perigo, a médio ou longo prazos, a vida de seus próprios filhos e parentes. ■

Manning Marable é professor de História e Ciência Política da Universidade de Columbia e autor de dez livros sobre história e política, entre eles "Africa and Caribbean Politics"